

BURGHARD BALTRUSCH

*I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo*<sup>1</sup>

ORCID: 0000-0001-6330-4907

**ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ POLÍTICA  
DE JOSÉ SARAMAGO – ELEMENTOS PARA  
UM ESTUDO DE FILOSOFIA POLÍTICA**

**ON SEEING POLITICS IN  
JOSÉ SARAMAGO – TOWARDS A STUDY  
ON POLITICAL PHILOSOPHY**

**RESUMO:** Segundo Rancière (2013), a arte política não pode funcionar como uma simples encenação com significado, como um espectáculo que pretende consciencializar sobre um estado de coisas. Basicamente, porque ela produz um duplo efeito: Por um lado, estaria a legibilidade de um significado político e, pelo outro, o choque perceptivo, causado pela estranheza, por aquilo que se resiste à significação. Este choque, tanto perceptivo como sensível, o *double bind* entre o significado político e o impacto sensível, é uma das características inerentes à arte política. Neste contexto, o relatório pretende revisitar alguns textos emblemáticos da obra saramaguiana, entre eles o *Ensaio sobre a Lucidez* e *O Ano de 1993*, para esboçar um marco hermenêutico capaz de definir a relação entre o poético e o político na obra do autor. Trata-se de analisar os processos, com os quais Saramago estabeleceu as relações entre ontologia e fenomenologia, ou seja, entre a ideia de uma verdade e de um contexto, no qual esta ideia pode funcionar em termos tanto poéticos como políticos.

**Palavras-chave:** Política, utopia/heterotopia, littérature engagée, Ensaio sobre a Lucidez, O Ano de 1993.

**ABSTRACT:** According to Rancière (2013), political art cannot function as a simple enactment of meaning, or as a spectacle that aims to raise awareness about a state of

---

<sup>1</sup> Este estudo foi realizado com o apoio do projeto “Contemporary Poetry and Politics: Research on Contemporary Relations between Cultural Production and Sociopolitical Context” (POESPOLIT, FFI2012-33589, Ministerio de Economía y Competitividad del Gobierno de España) e do Programa Estratégico UID/ELT/00500/2013 da FCT (Portugal). POEPOLIT é a continuação directa de dois projectos anteriores: POESPUBLIC – FFI2009-12746 e DINOLIPOE – FFI2012-33589.

affairs. Basically, because it produces a double effect: On the one hand, there would be the readability of a political meaning and, on the other, the perceptive shock, caused by strangeness, by what resists meaning. This perceptual and sensitive shock, the double bind between political meaning and sensible impact, is one of the inherent characteristics of political art. In this context, this study shall review some emblematic texts of Saramago's oeuvre, basically "Seeing" and "The Year of 1993", in order to outline a hermeneutic framework capable of defining the relationship between the poetic and the political in his writing and thought. I will analyse some of the ways in which Saramago established a relationship between ontology and phenomenology, that is, between the idea of a truth and a context, in which this idea can be operative in both poetic and political terms.

**Keywords:** Politics, utopia / heterotopia, littérature engagée, Seeing, The Year of 1993.

Ninguém negará que a literatura, o pensamento e o activismo de José Saramago compreendem uma grande variedade de aspectos políticos.<sup>2</sup> A evidência mais recente, embora ainda pouco referida, é a antologia *Saramago's Philosophical Heritage*, editada por Carlo Salzani e Kristof K. P. Vanhoutte (2018). Talvez seja o volume de estudos saramaguianos de mais relevância neste momento, uma vez que demonstrou, de forma devidamente fundamentada, a vasta relação da obra e do pensamento do Prémio Nobel com os principais debates filosóficos da actualidade. Interpela-se e comenta-se a obra a partir de uma grande variedade de perspectivas filosóficas, desde as já clássicas de Platão, Pascal, Kierkegaard, Freud, Benjamin e Heidegger, até as mais recentes de Lacan, Foucault, Patočka, Derrida, Agamben ou Žižek. Os estudos incidem nas alegorias e discursos literários que Saramago teceu a partir da caverna de Platão, das suas releituras críticas da Bíblia, da sua reinvenção do conceito da História ou da invenção de histórias alternativas, sem esquecer a relação da condição humana com a morte e a transversalidade do carácter político e revolucionário da sua ficção.

---

<sup>2</sup> Apesar desta evidência, comumente repetida, ainda não existem estudos que se dedicaram de uma forma sistemática ao tema, embora tenha havido tratamentos parciais. Como exemplos, indico aqui apenas: Alfaya (1993), Laird (2005), Sabine & Martins (2006), Cunha (2012) e Sánchez (2018).

Na primeira apresentação pública da antologia, organizada pela Cátedra Internacional José Saramago da UVigo, o seu coeditor e coautor, Carlo Salzani (2018), destacou a relação muito pessoal que Saramago cultivou com a filosofia e como esta inclinação influenciou na sua escrita e arte narrativas. Também se constatou que a obra revela uma grande capacidade de conceitualização filosófica através de alegorias, metáforas, jogos de linguagem poéticos e discurso filosófico-político propriamente dito. Lembremos que o próprio José Saramago costumava falar da "tentação ensaística" dos seus romances, e que o levou a criar um espaço de escrita no qual os géneros literários se sobrepõem, qual palimpsestos múltiplos: romance, teatro, ensaio, poesia, tradução, historiografia e, também, a filosofia em geral e a filosofia política em especial.

No entanto, e para continuar com a importante via de investigação aberta por Salzani/Vanhoutte (2018), gostava de apresentar aqui duas linhas de uma potencial ampliação da contextualização filosófica de um escritor de crescente projecção internacional e actualidade: a) por um lado, uma breve proposta de classificação das várias dimensões do político na obra saramaguiana e, b) uma correspondente revisitação de *O Ano de 1993* (OA1993) e *Ensaio sobre a Lucidez* (EsL), a partir de perspectivas da ontologia, filosofia da liberdade e escrita literárias de Jean-Paul Sartre (ao não existirem ainda tentativas precursoras, salvo erro). Embora ainda inconcluso, este projecto em curso visa propor uma hermenêutica do político (e da sua relação com o poético) no pensamento e na ficção de José Saramago.

Para esboçarmos uma sistematização, proponho estabelecer uma distinção entre quatro linhas de pensamento ou dimensões políticas da obra:

1. **Relação entre expressão literária, filosófica e política.** Tratar-se-ia de descrever aqui a complexa tensão ontológica entre as condições contingente, absurda, mas também intencional, utópica, solidária e radicalmente livre da existência humana que se apresenta de forma alegórica e transversal em praticamente toda a obra. Junto com a necessidade de analisarmos, também, o imaginário e o argumentário socio-político de Saramago em relação às tensões entre o individual e o comum, entre liberdade, responsabilidade e acção política.

2. **Preocupação civilizacional e geocultural (nas suas expressões ficcional, ensaística, activista e de *littérature engagée*).** Neste contexto, a análise visaria a ideia de uma civilização sem religião, de uma humanidade e um humanismo sem deus, igualitária, ecologista, anti-especista, que a obra sugere de formas variadas. Outras linhas temáticas seriam a “transibericidade”, a perspectiva ético-moral (e radicalmente pós-colonial) de uma “Europa finalmente como ética” (Saramago, 1998: 7). Mais concretamente, conviria analisar as perspectivas abertas pela proposta de José Saramago, realizada por ocasião da entrega do Prémio Nobel e do 50º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1998, no sentido de que estes direitos deviam corresponder-se, também, com certos deveres das pessoas.<sup>3</sup> Esta proposta já logrou projectar o activismo político de José Saramago para o futuro, ao inspirar a redacção de uma “Carta Universal dos Deveres e das Obrigações das Pessoas”, promovida por Pilar del Río Sánchez Saramago em colaboração com a Universidade Nacional Autónoma de México. A proposta foi entregue à ONU, em Abril de 2018, para ser dada a conhecer mundialmente. Com a intenção de complementar e ampliar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, esta Carta defende uma “ética da responsabilidade” e propõe uma “simetria” com os deveres humanos reivindicados (del Río Sánchez, 2018).
3. **Política literária e socio-histórica.** Aspectos a serem aprofundados nestes âmbitos seriam, por exemplo, a crítica da narratologia tradicional (como a sobreposição subversiva, da instância autora à instância narradora) e do sistema de géneros (cf. Saramago & Reis, 1998: 97-98, 133, 138), a preocupação com um tratamento igualitário dos géneros na representação histórica e literária (cf. Baltrusch 2014b). Outros aspectos seriam a reinvenção de certas técnicas do teatro épico, a modernização pós-colonial do ideal neo-realista de

---

<sup>3</sup> “Tomemos então nós, cidadãos comuns, a palavra: Com a mesma veemência com que reivindicamos os direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez assim o mundo possa ser um pouco melhor” (*ibid.*).

um “Novo Humanismo”, a reavaliação e “correção” de história e historiografia ou das perspectivas eurocêntrica e androcêntrica (cf. Baltrusch 2014a).

4. **Acção política e revolucionária (como consequência das dimensões filosófica, civilizacional, literária e socio-histórica).** O activismo político tem um papel destacado na biografia de José Saramago, seja como membro (dissidente) do PCP e que, ao longo da vida, se foi aproximando de posições anarquistas, seja como jornalista revolucionário, conferencista no Foro Social Mundial, apoiante do movimento zapatista, ateu militante, crítico e defensor da utopia ou de tantas outras causas que abraçou. Tratar-se-ia de revisitar este activismo múltiplo desde a perspectiva de uma prática individual, tanto libertadora como também libertária, nos seus contextos colectivo, histórico e social.

Em *O Ano de 1993* e *Ensaio sobre a Lucidez* já se sobrepõem várias das dimensões políticas aqui referidas: desde a problematização ontológica da consciência do absurdo da existência perante uma incessante procura de sentido, até à inter-relação entre liberdade, responsabilidade, engajamento e activismo político. Como pontos de fuga, estas duas obras talvez pudessem ser substituídas por outras. Mas embora seja sobretudo a falta de espaço e tempo que impede incluir aqui mais exemplos, penso que os seleccionados são suficientemente significativos para esboçarmos algumas das principais perspectivas políticas e poéticas da obra. Representam exemplos de poesia e narrativa que abrangem um período de três décadas e nos quais os géneros literários acabam por ter um carácter fluido (como também não podia ser de outra forma na escrita saramaguiana). Abrem perspectivas filosóficas que vão desde um certo idealismo comedido, em OA1993, até à alegoria existencialista de EsL e o seu pessimismo em relação às democracias ocidentais. Também mostram diferentes formas de confluência do político e do poético não-lírico<sup>4</sup> numa obra literária engajada.

---

<sup>4</sup> Para a definição do conceito do não-lírico cf. Baltrusch & Lourido 2012 e Casas 2015.

Saramago começa a escrever OA1993 como reacção à falhada tentativa do levantamento militar do 16 de Março de 1974. O texto será completado e publicado em 1975, coincidindo com a saída do autor do *Diário de Notícias*, com o Verão Quente e as mudanças ocasionadas pelo 25 de Novembro de 1975, que travaram o processo revolucionário popular em Portugal. Em prosa poética, narra-se o sofrimento infringido por uma ditadura violenta, mas também uma posterior violência revolucionária, quando este totalitarismo é destituído e, finalmente, surge uma esperança, embora desenganada, de um tempo novo. Nos *Cadernos de Lançarote*, Saramago caracterizou o final do livro como descrição de uma “humanidade que enfim iria principiar a lenta aprendizagem da felicidade e da alegria, sabendo embora que nada nos ficará debaixo da sombra que vamos projectando no chão que pisamos” (Saramago, 1998b: 30).

Considero que OA1993 representa um brevíário daquilo que viria a ser a poética política da obra, caracterizada,<sup>5</sup> entre outros aspectos, pela transfiguração do neo-realismo através do imaginário, a desconstrução das conceitualizações de *literatura* e *história* (a partir de um perspectivismo atemporal), junto com uma crítica dos discursos e da narratologia institucionalizados, uma crítica imagológica da memória cultural e colectiva, com o inter-relacionamento de ética e estética antecipando, até, futuras inovações estilísticas da sua escrita como, por exemplo, a escassa pontuação.

Num cenário distópico de ciência-ficção, a população de uma cidade será torturada, expulsa e constantemente perseguida pelos animais cyborg que cria o grande computador do invasor-opressor. A desnaturação de seres humanos e animais é reforçada pelo surgimento de um grande olho de mercúrio, com o qual o invasor passa “a vigiar a cidade” (Saramago, 1975: 31). O facto de a palavra ‘olho’/‘olhos’ aparecer catorze vezes ao longo do texto, como metáfora do totalitarismo, antecipa já o imaginário e as alegorias desenvolvidas posteriormente em *Ensaio sobre a Cegueira* (EsC) e EsL.

Tendo em conta a óbvia inspiração surrealista de OA1993, a montagem literária evoca também a técnica da *collage* de Max Ernst. A partir de

---

<sup>5</sup> Cf. também Baltrusch 2014a: 71-72.

enciclopédias e romances vitorianos, o artista alemão criara constrangedoras cenas de violência contra mulheres (cf. Ernst, 1934). Os espaços imagético e de denúncia que sugerem, podem ser relacionados com o texto saramaguiano. Assim, no caso do oitavo poema (1975: 24):

Apenas porque o ódio entrou enfim no corpo das mulheres  
Será visto que estando mortos os homens perseguidos os perseguidores hão-  
-de de violá-las conforme mandam as imemoriais regras da guerra  
Já tudo isto aconteceu infinitas vezes tantas que violação se não deve dizer  
pelo contrário entrega

Porém, é também no oitavo poema que aparece o motivo da vagina dentada, vingativa dos horrores infringidos às mulheres pelos invasores (*ibid.*: 25):

Há um derradeiro momento em que o perseguidor ainda poderia retirar-se  
Mas logo é tarde e no exacto instante em que o espasmo militarmente iria  
deflagrar  
Com um estalo seco e definitivo os dentes que o ódio fizera nascer nas vulvas  
frenéticas  
Cortam cerce os pênis do exército perseguidor que as vaginas cospem para  
fora com o mesmo desprezo com que os homens perseguidos haviam sido  
degolados

Além do óbvio paralelismo com mitos indígenas na América, o texto sugere, antes, uma transcrição do mito grego, com uma clara intenção política. Segundo Hesíodo, uma foice foi parida por Gaia, para que Cronos pudesse castrar o seu pai, Urano, e cortá-lo em pedaços. O seu sangue foi espalhado sobre a terra, da qual nasceram Gigantes, Erínias e Melíades e que, no texto saramaguiano, corresponderiam aos animais cyborg que perseguem os habitantes que fugiram da cidade. O sangue espalhado reaparece, mais tarde, em forma de sangue de menstruação, com o qual as mulheres tornam a fecundar os campos destruídos pelos invasores. Além da montagem textual fragmentária, temos aqui um exemplo de *col-*

*lage* mitológica, poética e política produzindo, entre outros aspectos, um claro empoderamento da mulher. Podemos relacionar esta poeticidade política da *collage* com as várias linhas temáticas e estilísticas, que Saramago conjuga em OA1993: surrealismo e neo-realismo, ciência ficção e messianismo redentor, retórica bíblica e ideologia marxista, patriarcalismo e empoderamento da mulher, entre outras.

É interessante ver como um Saramago, desiludido com o resultado da Revolução de Abril, reescreve o impulso neo-realista a partir de um imaginário surrealista, como se quisesse fusionar as duas correntes enfrentadas da literatura portuguesa pré-revolucionária. Esta circunstância também nos permitiria ler Saramago a partir de Alain Badiou, quem considera que

A obra de arte [cria] compatibilidades entre coisas que tinham sido consideradas não-compatíveis ou completamente separadas. A ideia do forçar no nível ontológico e a ideia da compatibilidade no nível fenomenológico, já implicam uma relação entre verdade e a situação, na qual a verdade acaba por ser operativa. (2013: 109-110)

Dito de outra forma, a criação artística produz acontecimentos que são postos em discurso aberto: ao forçar uma simultaneidade dos tempos real e imaginário, acaba-se por desestabilizar, ontologicamente, os acontecimentos artístico e histórico. Mostra-se, também, quão dependente é a noção da verdade do contexto situacional no qual esta opera. Assim, com a sua alusão simultânea a uma revolução concreta e a outra indefinida e projectada para o futuro, OA1993 cria imagens que podem ser chocantes, embora sempre acabem por ser esteticamente controladas. Podem ser ontologicamente desconcertantes mas estabelecem sempre uma relação política entre subjectivação, poesia, imagem, corpo e lugar. Em consequência, não podemos deduzir o político em Saramago de uma essência qualquer e que seria, supostamente, válida para uma comunidade social. Antes, o político em Saramago acontece porque o comum se caracteriza pela divisão, por um dissenso fundamental (cf. Rancière, 2013). OA1993 mostra como este dissenso se encontra enquadrado por uma luta de classes como realidade e não como causa subliminar da

política. Por isso, a alegoria da “grande batalha” que este texto poético descreve, apesar do final aparentemente feliz, ameaça com poder voltar a acontecer em qualquer momento.

Em EsL, não acontece uma batalha em um sentido tão literal, mas quando o romance acaba é como se estivéssemos no seu início. Quando a mulher do médico e o cão, figuras recuperadas do EsC, são assassinados pelos agentes do Ministério do Interior, tal como já tinha acontecido com o comissário rebelde, a escalada de violência parece inevitável. Basta uma pessoa que “vê” para subverter a cegueira de toda a gente, e é, precisamente, esta lucidez de indivíduos a assumirem a sua liberdade de maneira responsável o que humilha o sistema.

Mas em EsL também aparece a alegoria de uma cidade assediada. Porém, a ironia faz com que, agora, o verdadeiro inimigo fique fora, ao produzir-se uma retirada de todo o sistema político institucionalizado, em claro abandono das suas funções. A constituição, o direito e as liberdades, em vez de representarem realidades efectivas, convertem-se em meros símbolos ou, como afirma o primeiro-ministro no romance, dá-se um “uso legal abusivo da liberdade e dos direitos civis” (Saramago, 2004: 67). Qualquer semelhança com a nossa realidade actual é pura coincidência, já que qualquer sistema político institucionalizado sempre nos querera fazer crer que é só a combinação de autoridade e obediência que pode manter viva a ideia (ou a ilusão) de haver democracia. Em consequência, a sociedade em EsL acaba por desenvolver diferentes estratégias de resistência e reclama, por exemplo, o direito de não acatarmos os consensos. A noção de um anarquismo positivo é omnipresente, como o ilustram os grandes cartazes que declaram, negro sobre vermelho, “nós votamos em branco”. No lado oposto, na esfera do sistema de poder auto-exiliado, continua o jogo da manipulação política do real que se compara, cinicamente, às dificuldades que teria a literatura para nos defender desta cegueira imposta, e para mudar o curso, aparentemente determinista, da História. O Ministro do Interior refere-se a esta tensão quando propõe “bombardear” a cidade

Com papéis, [...] uma série de mensagens breves e eficazes que abram caminho e preparem os espíritos para as acções de efeito previsivelmente mais lento

[...], isto é, os jornais, a televisão, as recordações de vivências do tempo em que estivemos cegos, relatos de escritores, etc., a propósito, lembro que o meu ministério dispõe da sua própria equipa de redatores, pessoas muito treinadas na arte de convencer as pessoas, o que, segundo tenho entendido, só com muito esforço e por pouco tempo os escritores conseguem. (Saramago, 2004:183)

Estes breves exemplos de OA1993 e EsL podem ilustrar a possibilidade de lermos Saramago, também, a partir de Jean-Paul Sartre. Ambos foram escritores activistas, ateus, pensadores incómodos, mais ou menos próximos de ideias anarquistas. Como Sartre, também Saramago se debruçou sobre um sentimento de crise num mundo sem orientação transcendental e cada vez menos ético. Nas duas obras destacam o conflito entre o individual e o comum, entre a liberdade individual e a liberdade do outro, entre o ser e os valores, mas também entre o absurdo da existência e um ser humano que não deixa de ser “l’être par qui les valeurs existent” (Sartre, 1943: 675).

Embora haja diferenças em relação à conceitualização e ao tratamento da liberdade, há também muitos aspectos que aproximam os dois autores. Assim, o exemplo do comissário em EsL revela uma ideia de liberdade como orientação moral e que define o carácter libertador da acção, tão detalhadamente argumentado por Sartre, seja em termos filosóficos ou literários. Saramago teve uma atitude mais céptica em relação ao alcance da liberdade humana, já que considerava que nenhuma pessoa é “totalmente livre para dispor da sua vida como entende e sabendo nós que a nossa vida é também orientada, determinada e empurrada pelas outras pessoas sem disso nos darmos conta” (Saramago & Reis, 1998: 59). Não consta que tenha aprovado (nem reprovado) a radicalidade, sem antecedentes na história da filosofia, com a qual Sartre colocara a questão de uma liberdade, cuja representação e realização só admitia em termos primordialmente ontológicos. Esta necessidade de uma liberdade radical está no centro da sua obra filosófica principal, *L’être et le néant* (1943), mas também orienta a peça de teatro *Les mouches* (1943) ou a trilogia narrativa *Les chemins de la liberté* (1945-1949), entre muitos outros textos. A acção de Orestes em *Les mouches* libera os outros mas também repre-

sentida uma auto-libertação, ao tratar-se da toma de consciência de uma liberdade como forma de ser, porque, antes de uma qualquer e suposta essência humana, estaria sempre a liberdade que a possibilita. Em *Les mouches*, esta liberdade ontológica afasta, também, qualquer subordinação a um elemento divino: “Quand une fois la liberté a explosé dans une âme d’homme, les Dieux ne peuvent plus rien contre cet homme-là. Car c’est une affaire d’hommes, et c’est aux autres hommes – à eux seuls – qu’il appartient de le laisser courir ou de l’étrangler.” (Sartre, 1947: 203).

*Memorial do Convento* ou *O Evangelho segundo Jesus Cristo* seriam somente alguns exemplos adicionais que se ofereceriam, neste sentido, para uma futura análise comparativa com a filosofia e literatura de Sartre. O filósofo francês não diferenciava entre o ser e o ser livre, porque quem se experiencia diferente não poderia ter outra opção do que ser, também, livre. De uma forma comparável, as acções individuais do comissário de EsL, da mulher do médico em EsC, de Baltasar e Blimunda, dos protagonistas de *Jangada de Pedra*, entre muitos outros exemplos possíveis, constituem rupturas com as circunstâncias dadas, são escolhas livres das pessoas, escolhas de si próprias mas também escolhas que transcendem a respectiva individualidade. Em Sartre e em Saramago, a liberdade sempre surge relacionada com factos, em situações concretas num mundo que, constantemente, lhe oferece resistência.

Esta constelação permitiria observar, por exemplo, de que forma ambas as obras focalizam a liberdade como sendo, fundamentalmente, uma acção política libertadora, uma prática individual, mas também colectiva, no contexto da história e da sociedade. Neste sentido, a obra saramaguiana sugere que qualquer orientação ética e moral só pode ser deduzida desta ontologia da liberdade. Em EsL, o ex-presidente da câmara responde ao repórter perplexo, que questionara que fosse apropriado um político participar numa manifestação contra o sistema político:

Desculpe, [...] confesso-lhe que me sinto desconcertado, Cuidado, o desconcerto moral, parto do princípio de que é moral o seu desconcerto, é o primeiro passo no caminho que leva à inquietação, daí para diante, como vocês tanto gostam de dizer, tudo pode acontecer. (Saramago, 2004: 142)

Com outras palavras, a inquietação ontológica e ética pode motivar a acção política, até em termos revolucionários. Existem inúmeros exemplos na obra saramaguiana que ilustram a tensão entre a liberdade própria e a liberdade do outro, entre o problema de se aproximar da liberdade do Outro, e da impossibilidade de, simultaneamente, recebê-la como própria. Sartre diria aqui que o conflito é a essência das relações humanas. Em certo sentido, Saramago e Sartre representam, nos seus contextos diversos e com os seus estilos divergentes, tentativas de encontrar expressões criativas para as estruturas, possibilidades e limites da liberdade humana.

Outro aspecto que sobressai na comparação das duas obras é o ateísmo como elemento fundamental para a ontologia, para a contingência da existência humana e do ser, da liberdade e de qualquer projecto humano, de humanidade ou de humanismo. A tentativa de dissolução do absurdo da existência, das suas diferenças, tal como a procura de uma transcendência, acabam por ser uma “paixão inútil”. A gesta do Jesus de *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ilustra, de forma paradigmática, a falácia da pretensão humana de se transcender a si mesmo, ajudando-se do *ens causa sui*, que as religiões chamam Deus.

As poderosas alegorias criadas em OA1993, EsC e EsL demonstram como a liberdade humana só pode ser uma liberdade realizada, ou seja, praticada, e que esta liberdade radical, à qual devemos aspirar, precisa de ser completada, sempre, com uma teoria radical da responsabilidade para que não perca o seu efeito libertador. É um processo complexo e não isento de sofrimento, o que ilustram os exemplos aqui escolhidos, nos que a angústia, o desconcerto e o abandono aparecem como condições ontológicas da existência humana. Não só em OA1993, EsC, EsL mas também em EsJC, Saramago confere ao ser humano tanta responsabilidade como Sartre:

l’homme, étant condamné à être libre, porte le poids du monde tout entier sur ses épaules : il est responsable du monde et de lui-même en tant que manière d’être. Nous prenons le mot de « responsabilité » en son sens banal de « conscience (d’) être l’auteur incontestable d’un événement ou d’un objet ». En ce sens, la responsabilité du pour-soi est accablante, puisqu’il est celui

par qui il se fait qu'il y ait un monde ; et, puisqu'il est aussi celui qui se fait être, quelle que soit donc la situation où il se trouve, le pour-soi doit assumer entièrement cette situation avec son coefficient d'adversité propre, fût-il insoutenable ; il doit l'assumer avec la conscience orgueilleuse d'en être l'auteur, car les pires inconvénients ou les pires menaces qui risquent d'atteindre ma personne n'ont de sens que par mon projet ; et c'est sur le fond de l'engagement que je suis qu'ils paraissent. (Sartre, 1943: 598)

Para Sartre, só a liberdade radical, o carácter libertador da acção, permite deduzir uma orientação moral da ontologia: “Cette responsabilité absolue n'est pas acceptation d'ailleurs : elle est simple revendication logique des conséquences de notre liberté” (ibid.). Isto condiz com a importância que Saramago sempre dava à sua responsabilidade como cidadão em relação a tudo que fazia, e que representava uma escolha livre e individual (cf. Saramago & Reis 1998: 54, 113, 120).<sup>6</sup>

Podíamos dizer que, no caso dos dois autores, é a prática individual no seu contexto socio-histórico que abre o caminho para a acção política. Em *Critique de la raison dialectique* (1960), Sartre fazia depender a prática individual da totalidade histórica, procurando integrar o existencialismo no marxismo e tentando relacionar a singularidade do universal com a universalidade do singular. Foi com este livro que a categoria da existência se transformou, no seu pensamento, em categoria da prática, uma vez que a acção não é só dirigida à transformação do indivíduo mas também à transformação do mundo e das suas condições socio-económicas. Também em Saramago, a liberdade concreta, e a libertação do indivíduo, acabam por ser a única forma de realizar uma comunidade forte e operativa. *A Jangada de Pedra* talvez seja o mais imediato exemplo como em um grupo, que se constituiu de forma espontânea, a liberdade

---

<sup>6</sup> Cf. também: “Difícilimo acto é o de escrever, responsabilidade das maiores, basta pensar no extenuante trabalho que será dispor por ordem temporal os acontecimentos, primeiro este, depois aquele, ou, se tal mais convém às necessidades do efeito, o sucesso de hoje posto antes do episódio de ontem, e outras não menos arriscadas acrobacias” (Saramago 1986: 14).

da prática individual passou a ser, também (e de forma não previsível, contingente e não institucionalizada), a prática de uma liberdade comum.

De facto, também os grupos que se formam em OAno1993 e EsC correspondem ao ideal da “groupe en fusion”, ideia desenvolvida pelo Sartre tardio (1974: 627-755), enquanto em EsL assistimos mais bem à sua dissolução. Segundo a ideia do filósofo existencialista, só um grupo que se forma espontaneamente (e de maneira não-institucionalizada) pode realizar a ideia de uma comunidade lograda, de uma comunidade que pratica a liberdade individual como liberdade de todos. Qualquer estabilização da espontaneidade deste processo teria como resultado uma alienação. Também neste sentido, é o grupo protagonista de *A Jangada de Pedra* que ilustra, de forma paradigmática, o paralelismo entre os ideários de Sartre (sistemizado) e Saramago (alegórico). Os ciúmes que os homens do grupo sentem, perante as aventuras das mulheres com Pedro Orce, põem em perigo a estabilidade do “grupo em fusão”, uma vez que representam tentativas de reinstitucionalizar um patriarcalismo em princípio já ultrapassado pelo grupo, e dividindo, assim, as práticas libertadoras individuais.

No fundo, a ideia sartriana do conflito contínuo entre o individual e o comum, como também a sua exigência de uma revolta espontânea e permanente como única solução, aproxima-se do imaginário saramaguiano da necessária reescrita da História e das suas estórias. Ambos procedimentos aparecem, nos contextos heterogêneos mas ainda assim comparáveis das duas obras, como as únicas formas viáveis para relacionar, dialecticamente, a prática individual com o seu contexto geral, para tentar amalgamar o individual e o comum na totalidade das suas variações. De forma exemplar, Saramago lembrou, no *Último Caderno de Lanzarote*, a epígrafe que colocou à sua antologia de contos *Objeto quase*, em 1978:

contém e explica de modo claro e definitivo o que estou a tentar exprimir. Dizem Marx e Engels: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente.” Está aqui tudo. Só um “estado de espírito comunista” pode ter sempre presentes, como regra de pensamento e de conduta, estas palavras. Em todas as circunstâncias. (2018: 196)

Convém completarmos esta reflexão com a reinterpretação do marxismo em geral, e deste aforismo em particular, introduzida por Jean-Paul Sartre, já no final da sua vida:

*l'idée que je n'ai jamais cessé de développer, c'est que, en fin de compte, chacun est toujours responsable de ce qu'on a fait de lui – même s'il ne peut rien faire de plus que d'assumer cette responsabilité. Je crois qu'un homme peut toujours faire quelque chose de ce qu'on a fait de lui. C'est la définition que je donnerais aujourd'hui de la liberté : ce petit mouvement qui fait d'un être social totalement conditionné une personne qui ne restitue pas la totalité de ce qu'elle a reçu de son conditionnement (1972: 101)*

Para que, ainda assim, possamos fazer alguma coisa daquilo que de nos fizeram as circunstâncias, apesar de estarmos condicionadas e condicionados pela situação na que nos encontramos, o que realmente importa são os pequenos momentos e movimentos. Aquelas pequenas acções que fazem de um ser humano, condicionado pelo seu contexto socio-histórico, uma pessoa. Como o comissário dissidente em EsL, que não aceita o seu condicionamento e a ficção de totalidade sem alternativas que este lhe sugere. Mas, no último Caderno, Saramago ainda esboça outra dimensão política da literatura:

*Realmente, a partir do Ensaio [sobre a Cegueira] a minha relação com o acto de escrever mudou, o que só pode significar que algo terá mudado em mim. Tenho tentado explicar isto pela metáfora da estátua e da pedra, digo que até ao Evangelho andei a descrever uma estátua, a superfície da pedra (a estátua é apenas a superfície da pedra...) e que com o Ensaio passei para o lado de dentro, para a pedra só pedra e nada mais que pedra. Ficou mais claro assim? Provavelmente não, mas é o que ando a sentir. Se a tudo isto se junta que cada vez menos me interessa falar de literatura, que duvido até que se possa falar de literatura. (Saramago, 2018: 146)*

Aqui é a própria ideia de literatura, e da sua capacidade de mudar a História, que começa a ser posta em questão, ao contrário do respectivo

optimismo de Sartre, que confiava em que "Écrire, c'est une certaine façon de vouloir la liberté; si vous avez commencé, de gré ou de force vous êtes engagé" (1948: 72), ou seja, que a escrita literária fosse um acto de libertação humana. Porém, é provável que a dúvida de Saramago tenha estado dirigida mais ao conceito de *literatura* do que à sua capacidade de intervenção. Se tivesse vivido mais tempo, talvez teria substituído o questionado conceito tradicional de literatura por outro, mais político, e mais próximo da explicação que Pilar del Río deu, recentemente, do projecto de vida e arte do autor: "a missão é mostrar uma cultura, uma língua e uma forma política de estar no mundo. A ética da responsabilidade. [...] [Saramago] Assumiu o compromisso da responsabilidade de uma forma rotunda" (2018). De maneira que nos fica, como ela o descreve, este legado de um "projecto Saramago – chamamo-lo assim depois da morte de Saramago, porque ele não o teria permitido – [que] é um projecto de intervenção cultural, social e política de reflexão" (ibid.).

Em conclusão, e para caracterizar melhor o valor poético-político, ou mais concretamente ainda, poiético-político deste "projecto de intervenção cultural, social e política de reflexão", podíamos regressar a Alain Badiou e à sua ideia do desejo humano de viver aqueles momentos raros em que acontece algo que se podia considerar uma 'verdade' (2013: 110). Só a partir deste espaço e momento específicos da experiência humana, a partir da constituição e das condições dos seus objectos comuns e sujeitos empoderados, parece ser possível pensarmos uma política da literatura. Mas em Saramago, este desejo da verdade está sujeito à relativização, a ser questionado pela consciência de uma *littérature engagée* não poder funcionar como uma simples encenação com significado, como um mero espectáculo que pretende consciencializar sobre um estado de coisas.

O político na literatura tem o inconveniente de produzir sempre um duplo efeito: para poder comunicar um significado político, para torná-lo legível e para criar impacto, precisa de causar no público receptor algum tipo de choque, de estranheza que, pela sua vez, acaba por tornar o significado difuso.<sup>7</sup> Uma verdade ou arte política a trans-

---

<sup>7</sup> Cf. também Rancière 2013: 59.

mitir significados de forma independente do condicionamento pelos significantes, seria uma ilusão. A lógica da acção criadora e política, como prática que visa a transformação da realidade socio-histórica, tem de ser deduzida, ontologicamente, da própria existência humana. Mas também da crítica de uma razão dialéctica, no sentido de inter-relacionar prática individual e totalidade da História (cf. Sartre, 1972: 99-134), sendo este o único contexto no que uma qualquer ideia de verdade poderia ser operativa. Em OA1993, isto se evidencia através de uma expressão poética que intencionalmente procura causar um choque sensível. Joga-se, aqui, com o “carácter intrinsecamente ofensivo” da poesia (Adams, 2007), já que o poético questiona a ideia da própria função comunicativa do literário, subverte padrões culturais e discursivos para confrontar o sujeito receptor consigo mesmo. Em OA1993, Saramago fá-lo, por exemplo, com a sobreposição dos estilos neo-realista e surrealista, para lembrar-nos a inclinação anti-burguesa do surrealismo histórico que fusionou o desejo marxista de mudar o mundo com a divisa de Rimbaud de *changer la vie*. Assim, na mensagem política de OA1993, a mudança acaba por ser um *leitmotiv* que se estende à obra saramaguiana em geral: surge no questionamento dos princípios civilizacionais, na crítica (*avant la lettre*) dos perigos da futura era digital, na alerta de uma barbárie totalitária poder regressar em qualquer momento da história (com terrorismo, tortura, controlo social, individual, económico, cultural, político, etc.).

No último texto poético de OA1993, apesar de o conflito ter cessado, lembra-se-nos a condição cíclica de uma história de guerra e paz, barbárie e civilização, sem sentido, absurda:

Uma vez mais o infinito combate as batalhas aquelas que se ganharam e essas outras humildes perdidas e de que não se quer falar

[...]

Assim olhar apartado a própria sombra com olhos invisíveis e sorrir disso enquanto as pessoas perplexas procuram onde nada está

E uma criança objectiva se aproxima e estende as mãos para a sombra que fragilmente retém o contorno ainda mas não já o cheiro do corpo sumido

Uma vez mais enfim o mundo o mundo algumas coisas feitas contadas tantas  
não e sabê-lo

Uma vez mais o impossível ficar ou a simples memória de ter sido

Consoante se conclui de nada haver debaixo da sombra que a criança levanta  
como uma pele esfolada

(Saramago, 1975: 68-69)

Há aqui uma recapitulação de uma das epígrafes de OA1993 (1975: 10), extraída de *Jacques le fataliste et son maître*, de Diderot (1765), que já nos avisara que o único sentido deste ir e vir absurdo da existência podia ser a própria vida, a sua livre reivindicação desprezível, sem mais. Podíamos entrever aqui também uma certa alusão à “révolte” de Albert Camus mas, sobretudo, convém destacarmos, novamente, o paralelismo com a filosofia de Sartre: esta impossibilidade de satisfazer o desejo humano de encontrar uma justificação do seu ser, de recusar a facticidade e a conseqüente angústia da liberdade. A consciência sempre será um nada, nunca um ser pleno. Foi por isso que a sentença “o ser humano é uma paixão inútil” atraiu a ira dos críticos, que a censuraram por, supostamente, causar desespero e defender um existencialismo anti-humanista, algo que não se pode manter, nem em relação a Sartre nem no que diz respeito a Saramago.

Antes, as duas obras evocam uma esperança desenganada, exigente mas também libertadora, em relação à condição humana. O que Saramago acresce a esta ideia, filosófica e politicamente, podia ser deduzido deste sorriso que se evoca no final de OA1993. Lembra, vagamente, o enigmático sorriso das estátuas arcaicas, o qual remetia tanto à graça divina (*charis*), como também à alegria de viver e a um certo estar acima de qualquer fatalidade. Mas em Saramago, este sorriso se converte, sobretudo, na consciência tranquila e desenganada “de nada haver debaixo da sombra”. A criança parece saber que, apesar de não tudo estar predeterminado, a existência humana continua a estar presa no eterno dilema entre liberdade e determinismo. Porém, ‘levantar esta sombra’ é, desde uma perspectiva ontológica, uma das principais ações políticas e libertadoras.

## Referências

- ADAMS, Hazard (2007). *The Offense of Poetry*. Seattle: University of Washington Press.
- ALFAYA, Javier (1993). O compromisso moral e político na obra de José Saramago ou um leitor espanhol perante Saramago. *Vértice* 52, 23-27.
- BADIOU, Alain e TARBY, Fabien (2013). *Philosophy and the Event*. Cambridge: Polity Press [Trad. por Louise Burchill].
- BALTRUSCH, Burghard (2014a). A nova Mensagem do trans-iberismo – sobre alguns aspectos utópicos e metanarrativos no discurso saramaguiano. In Baltrusch (Ed.) *O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia – Estudos sobre Utopia e Ficção em José Saramago* (53-72). Berlim: Frank & Timme.
- (2014b). Mulher e utopia em José Saramago – a representação da Blimunda em *Memorial do Convento*. In Baltrusch (Ed.), *O que transformou o mundo é a necessidade e não a utopia – Estudos sobre Utopia e Ficção em José Saramago* (155-179). Berlim: Frank & Timme.
- BALTRUSCH, Burghard & ISAAC, Lourido (2012). Sketching non-lyrical discourses in contemporary poetry. In Baltrusch & Lourido (Eds.), *Non-lyric Discourses in Contemporary Poetry* (11-26). Munique: Meidenbauer/Peter Lang.
- CASAS, Arturo (2015). La poesía no lírica: enunciación y discursividad poéticas en el nuevo espacio público. In Alba Cid & Isaac Lourido, *La poesía actual en el espacio público*. Villeurbanne: Orbis Tertius.
- CUNHA, Fernanda (2012). *A paisagem e as palavras que lá estão – Levantado do Chão, um romance político*. Lisboa: IELT/FCT.
- ERNST, Max (1934). *Une semaine de bonté ou Les sept éléments capitaux*. Paris: Éditions Jeanne Bucher.
- LAIRD, Andrew (2005). *Death, Politics, Vision, and Fiction in Plato's Cave (After Saramago)*. Filadélfia: Chelsea House Publishers.
- RANCIÈRE, Jacques (2013). *The Politics of Aesthetics. The distribution of the sensible*. Londres: Bloomsbury [Ed. e trad. por Gabriel Rockhill].
- RÍO SÁNCHEZ, Pilar del & ISABEL, Lucas (2018, 7 de outubro). A última carta de Saramago – 20 anos depois do Nobel. *Público*. Acedido a 15 de março de 2019 em <https://www.publico.pt/2018/10/07/culturaipsilon/noticia/quando-o-tempo-comecou-a-contar-faz-20-anos-1846366>

- SABINE, Mark & MARTINS, Adriana Alves de Paula (2006). Saramago and the politics of literary quotation. In *Dialogue with Saramago: Essays in Comparative Literature* (11-24). Manchester: Manchester Spanish & Portuguese Studies.
- SALZANI, Carlo (2018). La filosofía de Saramago. [vídeo em edição na tv.uvigo.es] Acedido a 18 de março de 2019 em <http://catedrasaramago.webs.uvigo.es/pt/blog/comemoracoes-dos-20-anos-do-nobel-conferencia-la-filosofia-de-saramago-de-carlo-salzani-165>
- SÁNCHEZ NARANJO, Jaime (2018). O niilismo político: caminho para uma renovação da democracia em José Saramago. *Revista de Estudos Saramaguianos* 1, 89-98.
- SARAMAGO, José (1975). *O Ano de 1993*. Lisboa: Editorial Futura.
- (1998a). De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz. *O Público*, 8 de dezembro, 4-7.
- (1998b). *Cadernos de Lanzarote. Diário – V*. Lisboa: Caminho.
- & Carlos Reis (1998c). *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Caminho.
- (2004). *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa: Caminho.
- (2018). *Último Caderno de Lanzarote. O diário do ano do Nobel*. Porto: Porto Editora.
- SARTRE, Jean-Paul (1943). *L'Être et le néant*. Paris: Gallimard.
- (1947). *Huis clos suivi de Les mouches*. Paris: Gallimard.
- (1948). *Qu'est-ce que la littérature?*. Paris: Gallimard.
- (1972). Sartre par Sartre. In *Situations IX*, Paris: Gallimard.
- (1974). *Critique de la raison dialectique, tome 1: Théorie des ensembles pratiques*. Paris: Gallimard.
- (2013). *Situations III – Littérature et engagement*. Paris: Gallimard.